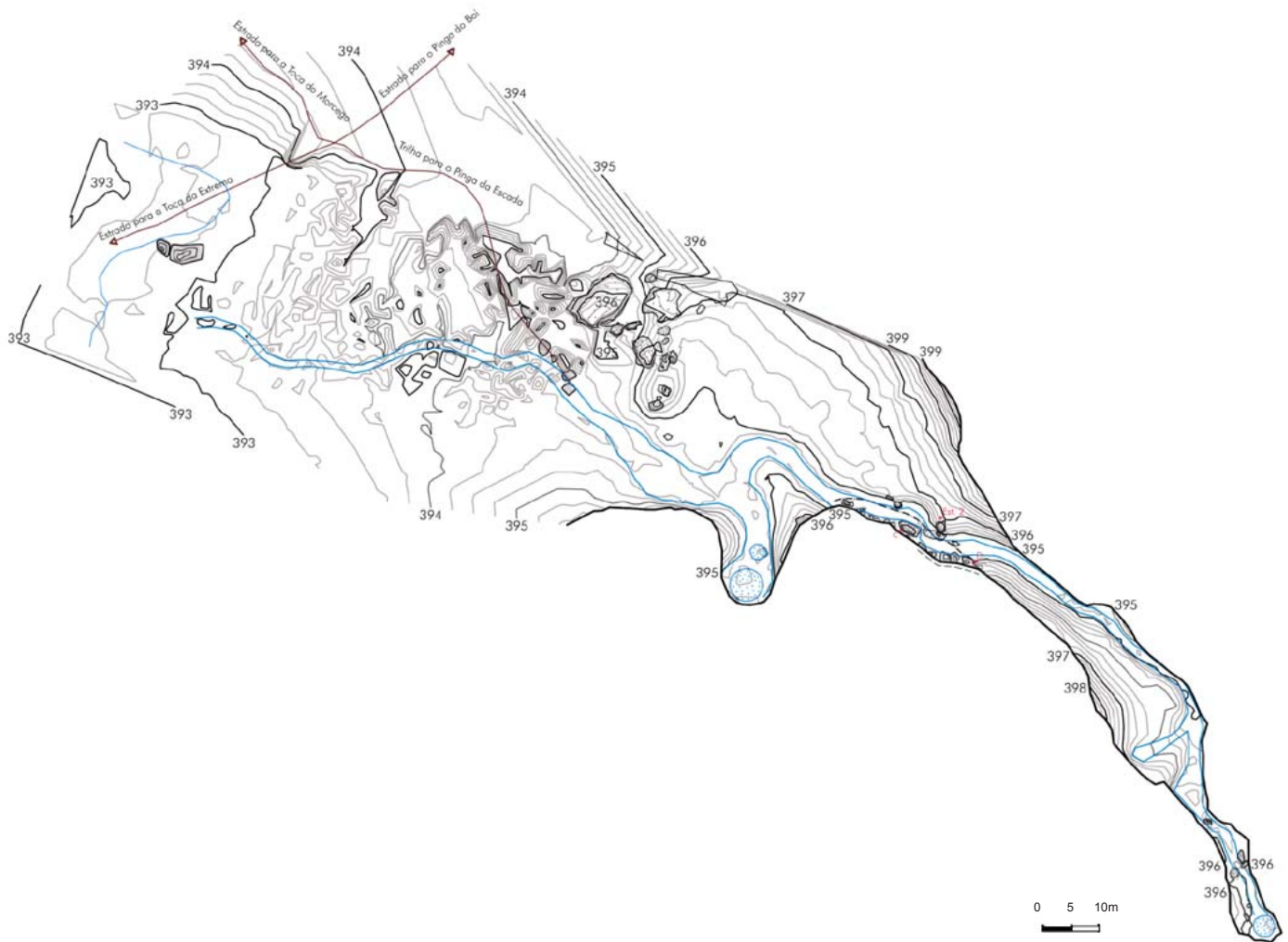




TOCA DO PINGA DA ESCADA
NOTA PRÉVIA

N. GUIDON¹; C. BUCO²; E. IGNÁCIO³

A Toca do Pinga da Escada (código 64) está situada nas coordenadas UTML 755158 e UTMN 9053160 e a 387 m de altitude. É um sítio de pinturas e gravuras rupestres, realizadas no paredão de um estreito *canyon*, que foi um dos afluentes da margem direita do rio fóssil da Serra Branca. A base do paredão, onde estão os painéis de arte rupestre, é protegida por um pequeno teto formando um abrigo-sob-rocha de dimensões mínimas, a linha de chuva passa a 5 m do paredão. Para realizarmos o plano inicial, com indicação do caminho da água, curvas de nível e localização dos registos rupestres foi utilizada uma ferramenta de sensoriamento remoto - a estação total Leica, modelo TC307, que permitiu realizar o trabalho com maior precisão e rapidez - do levantamento topográfico em campo ao processamento dos dados no departamento da informática⁴ (Fig. 1).



-  Parede rochosa
-  Bloco de arenito
-  Riacho
-  Curvas de nível
-  Cisterna/bebedouro
-  Pinturas
-  Linha de chuva
-  Estrada

Toca do Pinga da Escada

Fig.1 - Plano inicial em curvas de nível, com delimitação do caminho da água

As figuras rupestres começam a cerca de 85 m de distância do fundo do *canyon*, local onde se encontram os vestígios de uma antiga queda d'água que, até hoje, volta a correr durante os períodos de chuva. Quando termina a estação de chuvas, a água continua a escorrer, pingo por pingo, o que deu o nome ao sítio, Pinga da Escada. A escada foi formada pela erosão que formou um paredão com saliências, pelas quais é possível subir até o topo da chapada. No alto, existem dois blocos rochosos, que eram originalmente um só, escavado, no centro, pela erosão pluvial. Uma depressão na base rochosa permite que a água se deposite formando um “caldeirão”, nome regional para designar qualquer depósito de água, seja natural, cavado pela erosão nas rochas, seja construído em alvenaria ou concreto (Fig. 2).



Fig.2 - Captação de águas pluviais

A equipe de conservação da arte rupestre havia assinalado um problema afetando os painéis da Toca do Pinga da Escada: a umidade, durante a estação chuvosa, permitia o crescimento de líquens sobre gravuras e pinturas. Durante a seca, os líquens morriam e formavam uma película negra que cobria as figuras.

Foi feito o estudo de toda a área e determinados os problemas existentes:

- a queda d'água do fundo do *canyon* forma um riacho que corre durante o período de chuvas. O leito do riacho passava junto à base do paredão com os painéis rupestres, porque o lado oposto era mais alto. Como a rocha é o arenito, muito porosa, ela ficava embebida com a água do riacho;

- a parte superior do paredão, está muito erodida e nas fendas se desenvolveram vegetais. As raízes de algumas dessas plantas desceram e chegaram até a área com arte rupestre. A umidade desce com essas raízes provocando manchas de escoamento d'água sobre as figuras (Fig. 3 e Fig. 4);



Figs. 3 e 4 - Exemplos de grafismos prejudicados pela ação da água e do salitre

- cerca de 25m ao sul da desembocadura do *canyon*, o paredão rochoso tem outra queda d'água, distante, no alto, a apenas 30 m do topo do paredão com as figuras rupestres. Assim sendo, o sítio



Fig.5 - Quedas d'água
Imagem satélite retirada do site <http://earth.google.com>

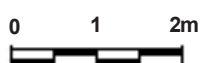
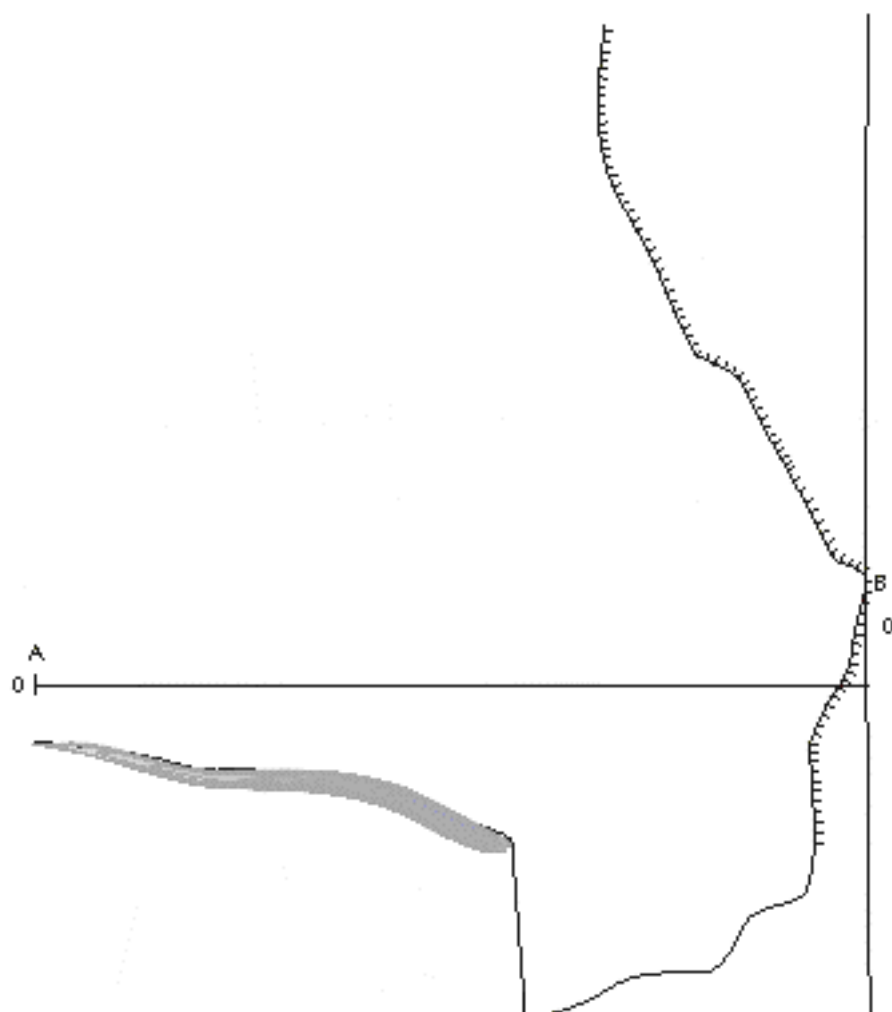
rupestre está entre duas quedas d'água, o que indica uma grande circulação das torrentes pluviais no topo (Fig. 5).

Após essa análise, foi elaborado um projeto para o salvamento do sítio, que compreendia diversas etapas:




- escavação na frente dos painéis pintados para chegar à rocha base e construção de um sistema estanque para evitar que as águas do riacho cheguem até a base do paredão;
- construção de um muro partindo do paredão com as pinturas, cortando o *canyon* até sua metade, de modo a desviar o riacho;
- limpeza da parede rochosa, com a retirada de todas as plantas que estão crescendo na parte alta do paredão com arte rupestre;
- construção de muretas no topo do *canyon*, desviando as águas da torrente para longe das quedas d'água do fundo do *canyon*, desviando-as para a queda d'água ao sul da desembocadura do mesmo, diminuindo, assim, o fluxo do riacho e a circulação sobre a sua borda.

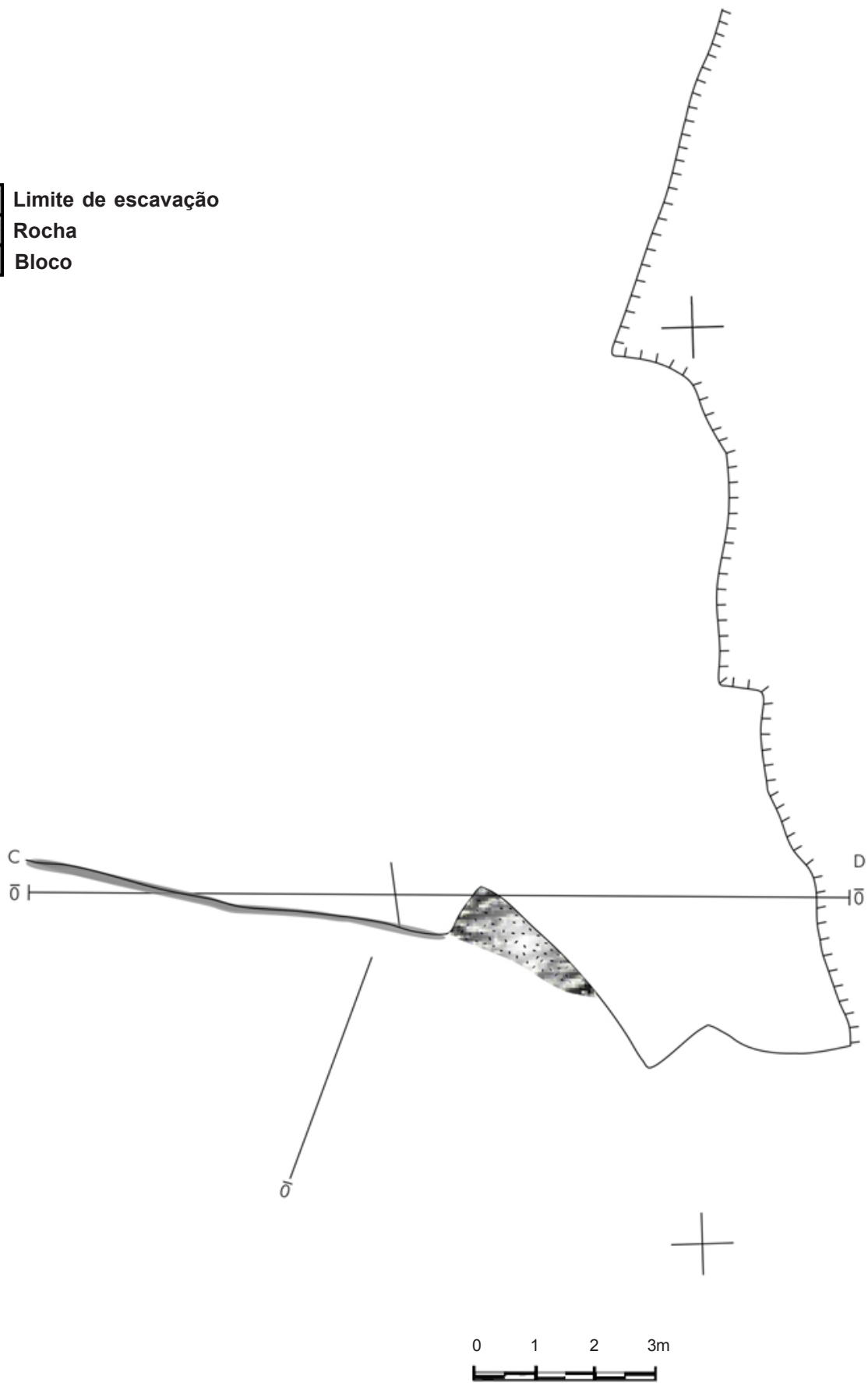
Esse projeto foi realizado parcialmente, não tendo sido possível construir as muretas no topo pela impossibilidade de levar o material de construção até o alto. Iniciamos a abertura de uma estrada que viria do alto da chapada, que não foi concluída por falta de recursos.

Inicialmente, foram realizadas escavações (março-abril 2004) na frente da parede com os painéis de arte rupestre, e são os resultados dessas escavações que relatamos a seguir. Foram escavadas uma área de 24m x 5m e uma trincheira de sondagem de 21m x 1m. A base rochosa foi atingida após dez decapagens, sendo a profundidade média 3m (Fig. 6 e 7).



Toca do Pinga da Escada
Setor 1 Corte AB

-  Limite de escavação
-  Rocha
-  Bloco



Toca do Pinga da Escada
Setor 1 Corte CD

Fig. 7

Os únicos vestígios encontrados são 383 peças líticas e 5 blocos, um dos quais mostrava restos de pigmento vermelho. Uma classificação preliminar permitiu separar o material lítico nas seguintes classes:

- seixos lascados: 55
- núcleos: 20
- seixos naturais: 114 (10 com marcas de uso)
- lascas sem córtex: 20
- lascas corticais: 63
- fragmentos: 88
- estilha: 1
- peças retocadas: 22

Entre as peças retocadas, destacam-se um biface, facas, furadores, sendo as peças mais numerosas, os raspadores (11). Foram encontrados 15 fragmentos de cerâmica sem decoração.

A escavação permitiu verificar que na frente desse paredão sempre correu muita água. Até cerca de 2.000 anos atrás, a torrente, muito forte, lavava a base rochosa. Somente a partir do momento em que as chuvas diminuíram, é que os sedimentos começaram a se depositar. Pela posição das peças ficou evidenciado que se tratava de um lugar de passagem, para a espera da caça que ia beber no fundo do *canyon*, para gravar ou pintar ou mesmo para buscar água. É evidente que utilizavam seixos trazidos pela torrente para preparar ferramentas, que deviam ser utilizadas no local e descartadas (Fig. 8 e Fig. 9).



Fig. 8



Fig. 9

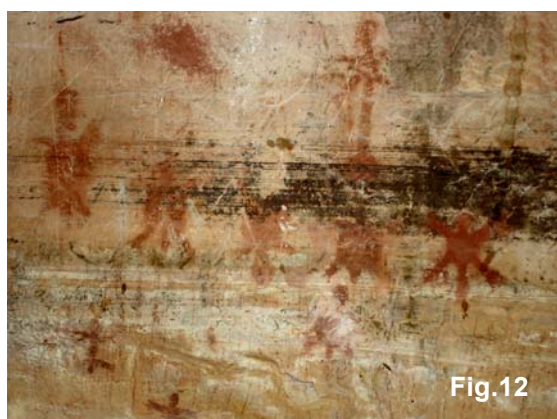
O nível mais profundo, sobre a base rochosa, foi datado em 1.810 +/- 60 anos BP, (Beta Analytic 193329). Uma pré-forma de machado, lascado bifacialmente, mas ainda não polido, encontrada na primeira decapagem, foi datada em 1.780 +/- 60 anos BP (Beta Analytic 200146). A decapagem 7, na qual existia um bloco caído, forneceu uma datação discordante, mas a amostra estava envolta em raízes e poderia ter caído com o bloco: 1.110 +/- 40 anos BP (Ua 22777).

Arte rupestre

Os registros rupestres pintados, representando zoomorfos e antropomorfos, correspondem ao que acreditamos ser uma ocupação recente. Existem gravuras, feitas no arenito, representando grafismos puros e zoomorfos (Fig. 10 e Fig. 11).



Os grafismos pintados são da Tradição Agreste (Fig. 12), formando um conjunto completamente diferente dos painéis dos sítios vizinhos, que mostram uma predominância da Tradição Nordeste, por exemplo, a Toca do Pinga do Boi (Fig. 13) e a Toca do Sobradinho (Fig. 14).



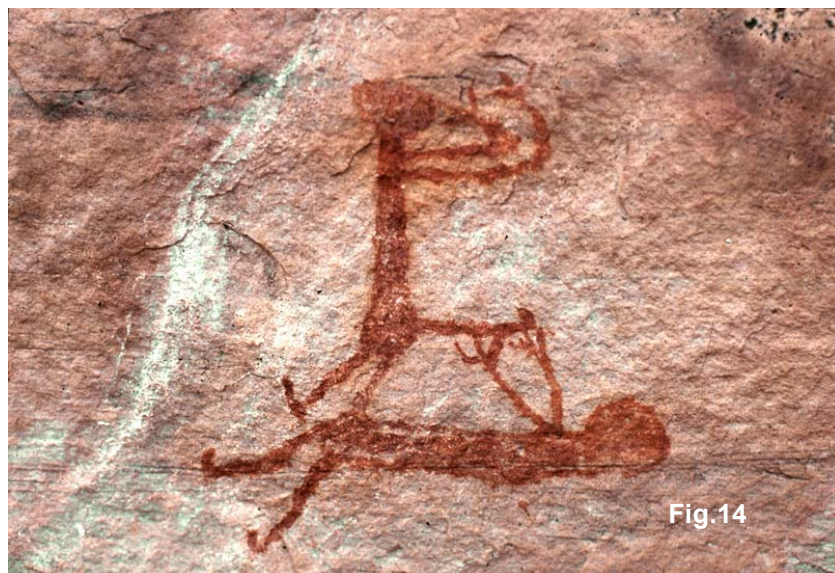


Fig.14

As últimas datações, para painéis enterrados na região da Serra Branca, nos fazem crer que a prática pictórica da Tradição Nordeste, entre 8 e 3 mil anos, foi constante no vale principal e seus afluentes, independentemente do estilo.

A principal diferença entre os grafismos pintados neste sítio e nos seus vizinhos é a espessura do traço, bem representada nesses dois zoomorfos em destaque no paredão (Fig. 15).



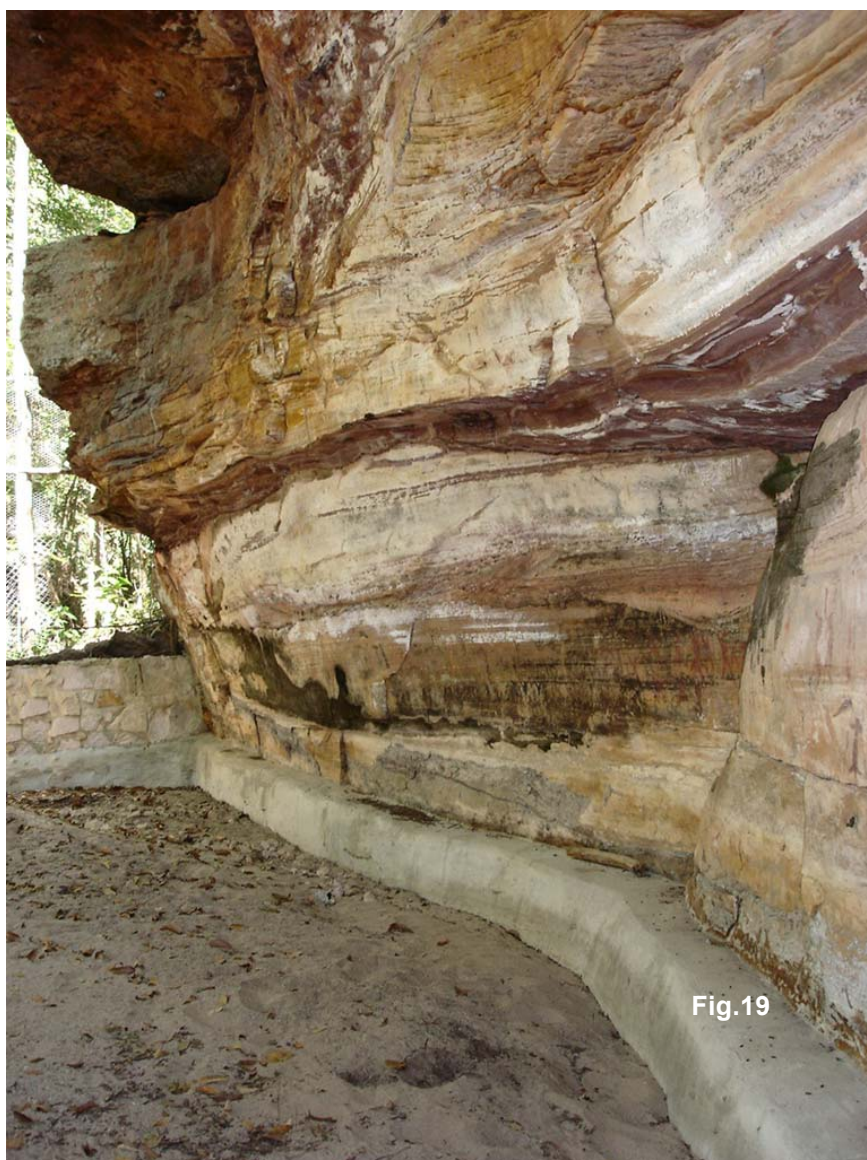
Fig.15

Pela pouca incidência desse tipo de grafismo na Serra Branca, pela facilidade de acesso ao sítio pelo alto da chapada e a grande quantidade de água que existia até pouco tempo, podemos aventar duas possibilidades para os autores desses grafismos: uma ocupação temporária recente, por um grupo que veio pelo alto da chapada e aproveitou a abundância de água para se manifestar graficamente no paredão, ou talentos isolados que experimentavam novas possibilidades artísticas, aventurando-se com o diferente.

Graças ao trabalho da equipe de conservação de arte rupestre da FUMDHAM, hoje não é mais possível ver, *in situ*, as marcas do nosso século, mas pelo fato de aí existir uma fonte que nunca seca, o sítio foi utilizado como acampamento para caçadores durante muito tempo e estes deixaram suas marcas, pintando sobre a arte pré-histórica (Fig. 16, Fig. 17 e Fig.18)



Este sítio é um dos muitos do Parque Nacional Serra da Capivara, que confirma a escolha dos abrigos associada à presença da água, através dos tempos. É evidente que a natureza atua como elemento determinante na escolha e uso do espaço (Fig. 19).



Notas

- ¹ - École des Hautes Études en Sciences Sociales - Fundação Museu do Homem Americano.
- ² - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Fundação Museu do Homem Americano.
- ³ - Universidade Federal do Vale do São Francisco - Fundação Museu do Homem Americano.
- ⁴ - A equipe técnica responsável pela análise preliminar dos vestígios foi integrada por Maria Aparecida Pereira, Simone Silva Santana, Leandro Santos Paes Landim, Zenair Martins de Negreiros, Valdeci da Silva Paes, Artenice dos Santos Miranda e Gislânia de Santana Lopes. A equipe técnica de prospecção e conservação de arte rupestre é composta por Jorlan da Silva Oliveira, Carlos Gadelha Negreiros Mendes, Décio de Sousa Mata, Elizangela Ferreira dos Santos, Rogério de Oliveira Paes, Adelson dos Santos Miranda, Raimundo de Lima Miranda Junior. A equipe técnica de escavação é composta por Raimundo de Lima Miranda, Aurélio Ferreira Paes Landim, Arnor Paes Landim Pereira, Hélio Paes Landim, José Paes Landim, Afonso Ferreira Paes Landim, Gilberto Ferreira Paes Landim, Lourenço Barbosa da Silva. A equipe técnica da informática e do desenho é composta por Iranilde Rodrigues Alves, Lucas Braga da Silva, Evandro Macêdo Santana, Dalmir de Negreiros Paes, Thalison dos Santos, Ariclenes da Costa Santo e Iderlan de Souza.

Referências Bibliográficas

- BASTOS, R.L., SOUZA, M.C., GALLO, H., 2005. *Normas e Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico*. São Paulo, 9ª SR- IPHAN, 201p
- BLASCHKE, T., KUX, H., 2005. *Sensoriamento Remoto e SIG Avançados*. São Paulo, Oficina de textos 286p
- GARLAKE, P., 1995. *The Hunteris Vision*. University of Washington Press, Seattle, 176p
- GUIDON, N., 1986. A seqüência cultural da área de São Raimundo Nonato, Piauí. *In CLIO*, Recife, UFPE, Série arqueológica, n.8, pp.137-143
1991. *Peintures préhistoriques du Brasil; L'art rupestre du Piauí*. Paris: Editions Recherches sur les Civilisations 109 p.
2002. Contribuição ao estudo da paleogeografia da área do Parque Nacional Serra da Capivara. *In CLIO*, Recife, UFPE, v. 1, n. 13, pp. 187-198
- GUIDON, N., PESSIS, A-M., 2000. Arts indígena pré-histórica no Brasil. *In CLIO*, Recife, UFPE, v. 14, pp. 135-142
- GUIDON, N., VIDAL, I.A., SALVIA, E.S.L., FELICE, G.D., MELO, P.P., BUCO, C., 2002. Notas sobre a pré-história do Parque Nacional Serra da Capivara. *In FUMDHAMENTOS*, Recife, v. 2, pp. 105-142
- MARTIN, G., 2005. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. EDUFPE, Recife, 4ª.ed., 434p.
- MITHEN, S., 2002. *A pré-história da mente – uma busca das origens da arte, religião e da ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 425p
- OLIVEIRA, A.S.N., 2001. *Catingueiros da Borracha: Vida de Maniçobeiro no Sudeste do Piauí-1900-1960*. Recife: UFPE (Dissertação de Mestrado)
- PARENTI, F., 2001. *Le gisement quaternaire de Pedra Furada (Piauí, Brésil) Stratigraphie, Chronologie, Évolution Culturelle*. Paris, Editions Recherche sur les Civilisations, 325p
- Parque Nacional Serra da Capivara-São Raimundo Nonato*, PI, 1998 : FUMDHAM, Vários pesquisadores. Apoio: Embratel
- PESSIS, A-M., 1984. Métodos de interpretação da arte rupestre: análise preliminar por níveis. *In CLIO*, Recife, UFPE, v. 1, n. 6, pp. 99-107

1993. Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil. *In CLIO*, Recife, UFPE, v. 1, n. 8

2002. Do Estudo das Gravuras Rupestres Pré-Históricas no Nordeste do Brasil. *In CLIO*, Recife, UFPE, n. 15, pp. 29-44

2003. *Imagens da Pré-História. Parque Nacional Serra da Capivara*. 1a. ed. São Paulo: FUMDHAM/PETROBRAS v. 01. 304 p

PESSIS, A-M., GUIDON, N., PARENTI, F. , 2002. Pedra Furada, Brazil: Paleoindians, Paintings and Paradoxes. *In Athena Review: Peopling of the America*, New World Explorers, Westport CT, v. 2, n. 4, pp. 42-52

SANTOS, G.M., BIRD, M. I., PARENTI, F., FIFIELD, L.K., GUIDON, N., HAUSLADEN, P.A., 2003. A revised chronology of the lowest occupation layer of Pedra Furada Rock Shelter, Piauí, Brazil: the Pleistocene peopling of the Americas. *Quaternary Science Reviews*, 22, pp.2303-2310